

CHEGOU A HORA DE REAGIR!

O nome dele é **RACISMO**. E ele não está confinado a um país, nem a um continente. Ele está ***em toda parte***. Tornou-se **GLOBAL**.

RACISMO GLOBAL

Última fronteira do ódio

O NASCIMENTO MUNDIAL
DE UM LIVRO PERTURBADOR

A pergunta que ninguém respondeu

Já se escreveu muita coisa sobre o racismo. Milhares de livros explicam o que ele é e o que ele faz com a vida de milhões de pessoas todos os dias. Disso não falta literatura.

Mas há uma pergunta que quase ninguém enfrentou de frente, e é a mais importante de todas:

**De onde veio esse monstro?
Como surgiu? E, sobretudo: por que surgiu?**

Enquanto não respondermos a isso, vamos continuar combatendo os sintomas e perdendo a guerra. Não se derrota aquilo que não se compreende na raiz.

O livro que responde — e que o Brasil ainda não tem

RACISMO GLOBAL

Última fronteira do ódio

É o resultado de cinco décadas de pesquisa de terreno em todos os continentes, trabalhando sob a convicção de que a gênese de qualquer realidade só pode ser encontrada fora dela. É a obra que finalmente explica a **origem histórica do ódio racial**: como, onde, quando e por quê.

Seu autor é **CARLOS MOORE** — pesquisador afro-cubano, doutor em disciplinas humanas e doutor em etnologia pela Universidade Paris Cité (antiga Paris-Diderot/Paris VII), especialista em relações internacionais, ex-jornalista da Agence France-Presse e da revista Jeune Afrique, em Paris. Figura respeitada internacionalmente no movimento antirracista, é reconhecido como um dos analistas mais afiados do fenômeno racial na história.

É dele a tese, formulada em **Racismo & Sociedade** (Editora Nandyala, Belo Horizonte, 2007), de que o racismo **não é uma ideologia**, nem uma excrescência da estrutura capitalista, como sustenta a tradição marxista, **mas uma forma de consciência coletiva de formação antiquíssima** — uma consciência que gerou e impulsionou a catástrofe iniciada no século XVI, mas que não nasceu dela. Nem de longe.

Carlos Moore é também o autor de **This Bitch of a Life**, a autobiografia oficial de **FELA KUTI**, o gênio nigeriano do afrobeat — livro que deu origem ao musical *Fela!* e cuja obra musical hoje corre o mundo e conquista uma geração inteira que nem era nascida quando Fela morreu.

“Hitler voltou: poliglota, multinacional e sem bigode”

ES «Hitler volvió: políglota, multinacional y sin bigote»

FR « Hitler est de retour : polyglotte, multinational et sans moustache »

EN “Hitler is back: polyglot, multinational and without the moustache”

Ali ele adverte o Brasil e o mundo: uma nova hecatombe está em processo, como tragédia e farsa ao mesmo tempo. **O artigo é o alarme; o livro é a explicação.**

A data em que o mundo virou

Em janeiro de 2009, um homem negro tomou posse na Casa Branca. O planeta inteiro assistiu. Muita gente chorou e disse que uma página tinha virado na história da humanidade.

Virou mesmo. Mas não a página que se esperava.

Porque foi exatamente ali que o ódio saiu do armário. Não sussurrado, não escondido: **em voz alta, em rede nacional, sem pedir licença a ninguém.** O que estava guardado há décadas debaixo do verniz das boas maneiras veio para cima da mesa.

Que fique claro, para não haver confusão: **aquele homem não criou o ódio.** O ódio já estava lá, inteiro, esperando. O que a chegada dele fez foi arrancar a máscara de uma coisa que o mundo fingia ter superado. Foi o espelho posto diante da cara de um sistema que jurava ter mudado — e que, ao se ver, não se suportou.

Mas há uma segunda verdade, e essa é de calendário: **é a partir dali que tudo se acelerou.** Antes de 2009, o racismo declarado ainda tinha vergonha de si mesmo e precisava de eufemismo. Depois de 2009, ele descobriu que podia dizer o próprio nome e ainda assim ganhar voto. Foi quando o ódio racial deixou de ser um constrangimento e virou uma plataforma eleitoral.

A globalização do ódio racial

Vejam a velocidade. Em pouco mais de quinze anos, o ressentimento virou movimento. O movimento virou partido. O partido virou bancada. A bancada virou governo.

E não em um lugar só. **Nos Estados Unidos. Na Europa inteira. Na Índia. Na América do Sul. E aqui, no Brasil.** Os discursos são quase idênticos, de país em país, traduzidos como se saíssem da mesma fábrica: o culpado é sempre o mesmo. É o negro — e, dentro dele, **muito especialmente a mulher negra**, que carrega duas condenações ao mesmo tempo e é a primeira a apanhar em toda crise. É o indígena. É o pobre. É a pessoa LGBTQ+. É o imigrante. É o diferente. Sempre o mais frágil. Nunca o mais forte.

Isto é o que estamos chamando pelo nome: a **GLOBALIZAÇÃO DO ÓDIO RACIAL**. Não é mais um problema nacional de nenhum país. É um sistema mundial, articulado, financiado, com estratégia e com método.

E prestem atenção ao detalhe mais grave de todos: essa corrente não está chegando ao poder por golpe de Estado. **Está chegando pelo voto**. Está sendo eleita. Está entrando pela porta da frente, com urna, com propaganda e com aplauso. É por isso que não adianta esperar sentado que passe. Não vai passar sozinha.

O racismo nunca recuou diante do silêncio — só recuou diante da resistência.

E por que o Brasil está no centro da tempestade

Porque não existe, em todo o hemisfério, um país com uma conta como a nossa.

Dos mais de **12,5 milhões de africanos** embarcados à força na África para serem escravizados nas Américas, o Brasil sozinho recebeu perto de 40%. Nenhum outro país deste continente chega perto. Os Estados Unidos, que o mundo inteiro associa à escravidão, ficaram com menos de 4%.

40%

DESEMBARCARAM
NO BRASIL

<4%

DESEMBARCARAM NOS
ESTADOS UNIDOS

1888

ÚLTIMO PAÍS DO
HEMISFÉRIO A ABOLIR

Leiam de novo, devagar: **quarenta por cento contra menos de quatro**. O Brasil foi a maior máquina de escravização racial já montada nas Américas. E foi também o último país do hemisfério a abolir a escravidão — em 1888, ontem, na conta da história.

Um país assim não é espectador desta tempestade. É o endereço principal dela. Aqui está a maior população negra fora do continente africano. Aqui a juventude negra é morta todos os dias, com números que qualquer outro país chamaria de guerra. Aqui a desigualdade tem cor, e todo mundo sabe qual é.

Se a onda racista global vencer em algum lugar, ela vencerá com força devastadora aqui. E se for enfrentada e derrotada em algum lugar, é daqui que essa derrota terá o maior significado para o mundo inteiro.

O que essa onda quer apagar

Ela tem um projeto, e o projeto é apagar cinquenta anos de conquistas que ninguém deu de presente a ninguém — foram arrancadas no grito, e custaram cadeia, sangue, exílio e vida:

Os direitos civis dos afrodescendentes, conquistados em cinquenta anos de luta das comunidades negras do mundo inteiro: o direito de votar. O fim do apartheid em todos os países. As cotas raciais e as ações afirmativas que abriram a porta da universidade, do trabalho digno, do respeito social. E, acima de tudo, o **DIREITO DE VIVER** — porque é disso que se trata quando as forças que a Constituição encarregou de proteger o cidadão se convertem em máquina de matar e praticam contra a juventude negra uma política que tem nome próprio: **GENOCÍDIO**. Não é bala perdida. Nunca foi perdida. Sempre soube o endereço.

Os direitos das mulheres, conquistados no mundo inteiro contra a desigualdade de oportunidades, contra a discriminação de gênero em todas as suas formas, contra a violência feminicida. Querem devolver a mulher ao lugar de onde ela saiu com as próprias mãos: o silêncio, a obediência, a porta fechada, o medo de andar sozinha na rua.

Os direitos das comunidades LGBTQ+ de todo o planeta. Querem revogar cada lei que garante o respeito às diferenças de sexo, de gênero e de orientação afetiva. Querem que gente volte a ter medo de dar a mão em público.

Os direitos dos povos indígenas das Américas, dizimados sem piedade em todos os países deste hemisfério. Suas terras continuam sendo roubadas, suas comunidades cercadas, suas línguas e culturas arrancadas pela raiz. Tudo em nome de um projeto abertamente **RACISTA**, cujo objetivo é um só, e é preciso dizê-lo em voz alta: **COMPLETAR O GENOCÍDIO** das Américas e do Caribe.

O que estamos testemunhando?

Nós vimos. Todas e todos nós vimos.

Um monstro que a gente jurava enterrado voltou. E voltou de cara limpa, sem máscara e sem vergonha. Ocupa o palanque. Ganha eleição. Dá entrevista sorrindo, em horário nobre, com o microfone aberto.

Somos cidadãs e cidadãos comuns. Não temos dinheiro. Não temos os grandes meios de comunicação. Temos uma coisa só, e ela sempre bastou quando foi usada em conjunto: **somos muitos, e sabemos o que está em jogo.**

Este livro está sendo publicado primeiro no Brasil — no país que, por tudo o que carrega na própria formação histórica, talvez seja o que mais precisa dele agora no mundo inteiro.

Durante mais de um século o Brasil contou a si mesmo uma fábula: a de que aqui o sangue se misturou sem violência e a cor jamais foi destino. Deram-lhe um nome bonito — **democracia racial** — e o repetiram até que virasse paisagem. Mas aquilo nunca foi uma descrição do país. Era um álibi. E todo álibi existe para a mesma coisa: para que ninguém precise responder pelo crime.

É dessa mentira, e não apesar dela, que nasce a corrente nazifascista que hoje levanta a cabeça neste país. Quem passa cem anos jurando que não há doença não constrói remédio algum — constrói silêncio. E foi nesse silêncio, morno e bem-educado, que o ódio envelheceu sem pressa, alimentado e protegido, até o dia em que se descobriu grande o bastante para sair à rua dizendo o próprio nome.

Mas há uma inquietação mais funda, e essa ninguém confessa em voz alta. O que verdadeiramente assombra não é a memória da escravidão: **é a aritmética do futuro**. A população afrodescendente cresce, e não para de crescer. A minoria branca que sempre governou o Brasil encolhe, e não para de encolher.

É esse cálculo — e não outro — que tira o sono de quem sempre mandou. É exatamente o mesmo cálculo que se faz hoje em Washington e em cada capital da União Europeia, diante do colapso demográfico daquilo que um dia ousaram chamar de **raça superior**. O pânico é idêntico porque a origem é idêntica. Muda a língua; não muda o medo.

E não é a primeira vez que este país tenta corrigir a própria demografia. Houve um tempo em que a solução se chamou **embranquecimento** e foi política de Estado: trouxe-se gente de fora, de navio e com passagem paga, na esperança aritmética de que a cor se dissolvesse em algumas gerações. Não se dissolveu. O Brasil que se queria apagar continuou **crescendo** — e hoje é maioria.

Quando a demografia deixa de obedecer, resta o controle. É aí que a política troca de instrumento sem trocar de objetivo: onde não se pôde diluir, passa-se a conter — pela violência, pela cadeia, pela lei que retira direitos, pelo orçamento que fecha a porta da escola e da universidade. O projeto é o mesmo de sempre. Mudou apenas a ferramenta.

E o mundo inteiro assiste ao mesmo espetáculo, com sotaques diferentes. Levantam-se muros, inventam-se deportações em massa, fala-se de **grande substituição** como quem anuncia uma catástrofe natural. Mas não há catástrofe alguma: há gente nascendo. O que chamam de ameaça é a vida seguindo o seu curso — e essa é, no fundo, a única notícia que o poder racial nunca soube receber.

Não é o passado que os aterroriza. É a conta do próximo censo.